





BARÃO DE S. GABRIEL.

Lith. de J. Alves Leite.

REVISTA

DO

PARTHENON LITTERARIO

---

TERCEIRO ANNO

SETEMBRO

---

PORTO ALEGRE

IMPRESA LITTERARIA

1874



## BARÃO DE S. GABRIEL

---

Entre os filhos d'esta provincia destaca-se o vulto do general João Propicio Menna Barreto, illuminado pela aureola resplendente da gloria.

Não é uma biographia que vamos dar, é apenas uma noticia bem ligeira sobre o retrato que acompanha a presente *Revista*.

Quando a familia do bravo general nos remetter alguns esclarecimentos sobre sua vida, então daremos aos nossos leitores a biographia de tão eminente cidadão, uma das glorias mais legitimas do paiz.

E' uma memoria que deve ser honrada, e por isto a *Revista* não podia esquecer-a.

Se o não fizemos a mais tempo é por que esperavamos os dados que só a sua familia nos pôde fornecer. Quando nos vierem ás mãos cumpriremos o nosso dever.

Uma vida tão cheia de exemplos de abnegação, de grandeza d'alma e patriotismo deve sempre merecer o reconhecimento de sua patria.

Para caracterisar o nosso comprovinciano basta rememorar o seu civismo, o seu desprendimento e patriotismo por occasião da guerra do Uruguay em 1864.

Doente, fraco e com um caustico aberto sobre o peito, o bravo guerreiro collocou-se a frente do exercito, que marchava para a fronteira oriental; e, não obstante os seus soffrimentos, atacou a cidade de Paysandú, cobrindo de louros o auri-verde pendão do Cruzeiro.

E' que elle comprehendera que acima de sua vida estava a vida e a honra da patria.

E não satisfeito com este triumpho, marcha, ainda peor dos seus soffrimentos para atacar a cidade de Montevideó que se achava em poder dos blancos.

Mas felizmente não foi preciso o choque das armas.

A cidade sitiada abriu as suas portas e deixou passar entre as ovações de enthusiasmo o general brasileiro.

Depois d'esta nova victoria o soldado devia procurar o seio de sua familia para descançar a fronte soffredora.

Sua missão estava cumprida.

Este factó, por si só estereotypa com fidelidade a nobreza de character d'esse eminente rio-grandense, a quem a patria será eternamente reconhecida.

Servão estas poucas palavras de reparação á falta do esboço biographico do illustre general João Propicio Menna Barreto.

A.

Porto Alegre — 1874.

# APONTAMENTOS

## HISTORICOS, TOPOGRAPHICOS E DESCRIPTIVOS DA CIDADE DO RIO GRANDE

DESDE O SEU DESCOBRIMENTO E FUNDAÇÃO ATÉ A PRESENTE DATA  
POR

CARLOS EUGENIO FONTANA

### IX

Chegando á Hespanha a noticia da derrota de sua esquadra e exercito no Rio Grande, tratou-se immediatamente de enviar uma esquadra de cem velas, que aportou na ilha de Santa Catharina em Fevereiro de 1777, e obrigou o commandante da praça o general Antonio Carlos Furtado do Mendonça, com sua guarnição, a se entregar vergonhosamente á descripção, sem ter dado um só tiro, estando a praça completamente municuada e guarnecida.

Orgulhosa a côrte de Castella com esta victoria, deliberou retomar a villa de S. Pedro do Rio Grande, e para isto fez marchar o governador de Buenos-Ayres João José de Vertiz e Salcedo á testa de 4,000 homens e se pozesse ás ordens do vice-rei do Rio da Prata D. Pedro Antonio de Ceballos, o qual incontinentemente se guio para retomar o Rio Grande; porem na metade do caminho recebeu ordem de suspensão de armas, a qual foi seguida do tra-

tado preliminar de paz e limites de 1º de Outubro de 1777 e pouco depois do de amizade, garantia e commercio de 11 de Março de 1778.

Estes tratados, como os outros, não tiveram plena e fiel execução. Continuarão as dissidencias, e as fronteiras forão por mais de uma vez ameaçadas e assaltadas, mas felizmente a villa de S. Pedro foi respeitada.

## X.

Passaremos por alto os episodios d'essa luta de dez annos, em que um punhado de rio-grandenses pugnou por sua liberdade.

A guerra civil rio-grandense foi fertil em actos de bravura, e bem poucos presenciou de barbaridade, como fora de esperar do corações generosos e não dados ao rancor.

Corramos um véo a essa pagina de nossa historia, fazendo ardentes votos para que as paixões politicas não lancem outra vez a provincia no estado anarchico em que se achou e para que a união confraternise os rio-grandenses de tal sorte, que a torne o baluarte da integridade do imperio.

## XI

A cidade do Rio Grande, demora sobre a margem direita do canal do rio formado pelas aguas da Lagoa dos Patos, e com a barra do oceano Atlantico na latitude sul de 32º 6'50", e longitude oeste do meridiano do observatorio do Rio de Janeiro de 8º 57'59"; tem 12 leguas de comprimento.

A cidade está na latitude sul de 31º2'5" e foi mudada, para o sitio onde presentemente está, por ordem do governador do Rio de Janeiro e S. Paulo, Gomes Freire de Andrade, adoptando-se para a nova povoação a planta traçada em virtude da ordem de 17 de Julho de 1745, mudando-se o orago de Sant'Anna para o de S. Pedro e elevada na mesma data á cathegoria de villa, sendo porém esta ordem sómente observada em 16 de Dezembro de 1751.

Um alvará de 15 de Maio de 1816, creou um juiz de fóra, cuja jurisdicção se estendia desde o mar até o Uruguay desde a Lagoa dos Patos até Castilhos Grandes.

Por outro alvará de 7 de Fevereiro de 1820, foi creada uma escola de primeiras lettras para meninos e uma cadeira de latim, juntando-se-lhe mais tarde uma escola para meninas.

E' a cabeça da comarca do mesmo nome e onde reside o juiz de direito.

A comarca compõe-se dos municipios : do Rio Grande, com a parochia de S. Pedro, creada em 1737 ; de Nossa Senhora das Necessidades do Povo Novo, creada em 6 de Maio de 1846 ; de Nossa Senhora da Conceição do Tahim, creada em 26 de Julho de 1832 ; de Santa Victoria do Palmar, com a parochia do mesmo nome, creada em 6 de Dezembro de 1858, e de S. José do Norte, com as parochias do mesmo nome, creada em 18 de Abril de 1820, de Nossa Senhora da Conceição do Estreito, creada em 25 de Maio de 1846 e de S. Luiz de Mostarda, creada em 18 de Janeiro de 1773.

A provincia está dividida em dois districtos politicos, e cada um elege tres deputados geraes e quinze provincias.

A cidade do Rio Grande é a cabeça do segundo districto eleitoral, que se compõe do collegio do Rio Grande, formado do municipio que comprehende as freguezias : d'este nome com 20 eleitores, do Povo Novo com 9 e de Tahim com 2 ; do municipio de Santa Victoria, com a freguezia do mesmo nome com 4 eleitores ; do municipio de S. José do Norte, composto das freguezias de S. José do Norte, com 7 eleitores ; de Mustardas, com 5 e do Estreito, com 3 ; do collegio de Pelotas, que é formado do municipio de Pelotas que abrange as freguezias : d'este nome, com 8 eleitores ; de Sant'Anna da Boa Vista, com 8 ; do Boqueirão, com 5 e do Serro da Buena, com 3 ; do collegio de Piratiny, composto do municipio de Piratiny, que contem as freguezias : d'este nome, com 14 eleitores e de Cacimbinhas, com 11, do collegio de Cangussú, formado do municipio d'este nome, que é composto das freguezias : da Conceição de Cangussú, com 15 eleitores e do Serrito com 6 ; do collegio de Jaguarão, que se compõe do municipio do mesmo nome, formado das freguezias do Espirito Santo, com 14 eleitores e do Herval, com 9 e do municipio do Arroio Grande com a freguezia do mesmo nome, com 5, do collegio do Passo Fundo que abrange o municipio do mesmo nome formado das freguezias : da Conceição do Passo Fundo, com 9 eleitores e da Soledade, com 7 ; do municipio da Cruz Alta, composto das freguezias : da Cruz Alta, com 16 eleitores, de Santo Angelo, com 9, e de S. Martinho, com 8 ; do collegio de Bagé, formado do municipio d'este nome e freguezia de S. Sebastião de Bagé, com 15 eleitores e municipio e freguezia de D. Pedrito com 8 ; do collegio de Itaquy que comprehende o municipio d'este nome, formado das freguezias de S. Francisco, com 4 eleitores e de Itaquy, com 7 ; do municipio da Uruguayana, composto da freguezia do mesmo nome, com 14 eleitores ; do municipio de S. Borja, formado das freguezias de S. Francisco de Borja, com 11 eleitores e do

S. Lucio, com 2; do collegio de Alegrete que se compõe do municipio de igual denominação, formado da freguezia do Alegrete, com 21 cleitores, e finalmente do municipio de Sant'Anna do Livramento composto da freguezia do mesmonome, com 9 cleitores.

Apura-se por conseguinte, na camara municipal da cidade do Rio Grande o voto de 288 cleitores.

A população da cidade segundo o ultimo recenseamento official é de 12,246 habitantes, sendo 8,818 brasileiros e 3,428 estrangeiros, dos quaes são livres 9.685 e escravos 2,561.

E' commandante superior da guarda nacional do municipio do Rio Grande o coronel José Luiz de Mesquita, o conta 1,900 praças de guardas nacionaes.

Esta força tem instrucção militar e nunca se ha negado arriscar a vida pela honra e integridade do imperio. soffrendo sempre com resignação as provações da campanha e já muitas vezes o contingente do Rio Grande tem prestado relevantes serviços á causa nacional.

Na cidade a força da guarda nacional compõe-se do batalhão de infantaria n. 2, cujo commandante é o tenente-coronel João da Costa Pinto e uma sessão de artilheria commandada pelo major Mathias Rodrigues Vasques.

A cidade do Rio Grande dista 56 leguas de Porto Alegre, 32 de Jaguarão, 47 de Bagé, 70 de S. Gabriel, 82 de Sant'Anna do Livramento, 103 de Alegrete, 129 de Uruguayanna e 8 de Pelotas.

Continua.

# MONOGRAPHIAS

---

## A GRUTA DAS DRYADES

J'admire la nature en ses sublimes jeux !  
Mais, si je veux jouir de ses grandes images,  
Je m'écarte, je cours au fond des lieux sauvages,

DE FONTANES.

L'imagination ne laisse, dans ses lieux,  
Ou languir la pensée, ou reposer les yeux.

DE MILLE.

Como dizia, ao findar do anterior artigo, eramos chegados á gruta das Dryades.

Avançando mais alguns passos entramos na especie de pata-mar, que se estende ao longo da sua espaçosa entrada, e cuja linha, do lado da cachoeira, é graciosamente ornada de uma longa fiada de arbustos e de arvores fructíferas, que elevão seus ramos á altura da lapa que serve de tecto á caverna.

São pitangueiras, ceregeiras, guabirobeiras, guabijús e figueiras bravias, e como então estivessem carregadas de fructas em perfeita maturidade, formavão um conspecto aprazível e cheio de louçania; e seu perfume mixto, tão suave e agradável, se accumulava n'aquelle recinto resguardado da furia dos Aquilões, e se desenvolvia ainda por todo o interior da gruta, como depois verificamos, sendo ali naturalmente muito mais energico, porque se acha como comprimido.

Alguns dos da companhia subirão temerariamente a algumas d'essas arvores, inclinadas quasi sobre o precipicio, e assim os vi,

com terror, por momentos balouçarem-se acima do vacuo pavoroso, e isto pelo fugitivo prazer de saborear d'aquelles pomos silvestres, cuja belleza, em verdade seduzia a vista e tentava o paladar.

E rião-se estrondosamente n'aquellas falsas posições, e o som de suas gargalhadas, ecoando pelo interior da caverna, e por seus recantos mais reconditos, apresentava em verosimilhança o caso de estar ella occupada por *genios* ou *nymphas*, seus habitadores, e que estes bradavão ameaçadores contra a audacia que nos levára ali, e com que pretendiamos violar a entrada de seu mysterioso domicilio.

E esta supposição torna-se ali tão natural que não duvidamos afirmar que occorreria a todos os curiosos que ali se achassem em iguaes circumstancias.

Aquelles que nunca tiverão occasião de observar estas produções da natureza, é provavel que extranhem estas idéas romanescas, que lhes hão de parecer um tanto arrojadas, mas, dir-lhe-hemos que, na presença d'esses objectos que sempre e em toda parte tem merecido a attenção do homem illustrado e sensivel, do philosopho e do poeta, achar-se-hia que taes idéas, taes pensamentos, ficão muito aquém da realidade, das sensações doces e cheias de poesia, ou antes das inspirações grandiosas que se desenvolvem sob o influxo d'essas vistas, que encerrão sempre um complexo indizível de belleza e de magestade, de saudade e de melancolia.

Todo o terreno em frente da gruta, isto é, entre a fileira das arvores e a sua entrada, é atapetado de mimosos capins e de gramineas delicadas, exceptuando, todavia, a parte media em que apparece escavada uma saliencia da immensa lage que serve de solo a toda caverna, prolongando-se para o fundo a perder-se de vista na escuridão, e estendendo-se á direita e á esquerda até os limites d'aquelle vão enorme, cuja largura, na frente, conta de leste ao oeste, acima de 80 metros de extensão.

Tamanha dimensão não está, comtudo, em proporção com a altura que vai do pavimento até a desmedida abobada que lhe fórma o tecto, pois que no centro não excede a 5 metros, e gradualmente vai diminuindo até feneccer nas extremidades, sendo que ha lugares a que se pôde chegar com a mão erguida, e outros tão baixos, ou estreitos, que apenas por elles podião andar os cães que nos seguião, e que exploravão todos os recantos, em busca de alguma presa.

Penetrando no interior da gruta não pude deixar de ceder a um sentimento de admiração, misturado de um como receio ou temor, ao contemplar a enormidade d'aquelle vão e a grandeza desmedidamente colossal da lage macissa, monolitho estupendo

que, como uma abobada achatada, ou antes á semelhança de um sobrecéo informe, de cõr amarellada, viamos acima de nossas cabeças; e, ao imaginar no peso inconmensuravel que a opprime e que sustenta: o de um monte inteiro e n'elle milhares de arvõres frondosas, e entre estas immensidades de pedras e de penhascos, e por cima uma torrente que se torna ás vezes um verdadeiro rio, repentinamente nos assalta o espirito o pensamento pavoroso de um desabamento de toda aquella maça heterogenea, e, por mais que saibamos quão remoto, seião impossivel, possa ser o evento de tal supposiçõ, aquella impressõ momentaneamente nos constrange e nos causa indecisão, mas, e sem que o presintamos, d'ella nos abstrahimos gradualmente, para toda a mente occupar-se na contemplaçõ e exame d'aquelle edificio e em admirar sua vastidão, sua estructura, a variedade, a extravagancia e o grotesco de suas fórmas interiores.

Todo o pavimento ó formado de uma pedra amarellada, molle e escalvada em certos lugares, aqui e ali, pelas goteiras que em tempos chuvosos, penetrão atravéz da immensa cunicira, mas que n'esta occasiõ apenas apresentavão sens indicios, formadõs no alto por pequenos circulos de limos pardacentos, espalhados por differentes pontos.

Um sulco sinuoso, partindo do fundo da caverna, se estendo até o seu *atrio* e por elle desembõca, fazendo uma curva na parede inferior da cascata e por esse alveo correm as agnas que, de inverno, penetrão no antro mais profundo da gruta, por lugares, por sendas desconhecidas.

Sendo a entrada d'esta mui espaçosa, por ella entra, não obstante o assombrado das arvõres, luz bastante para a esclarecer de modo a poder se apreciar convenientemente a sua parte principal, que consta de um como salão, enorme de 80 a 90 metros de comprimento por 40 a 50 de largura.

A atmosphera ali apresenta uma cõr amarellada, a espaçõs reflectindo ondulações verdes, segundo as inflexões que as auras imprimem na folhagem em frente.

Esta circumstancia, unida á suavidade dos perfumes que por ali se nustravão então, parecia mysteriosamente dar áquelle recinto silencioso o aspecto, o cuulo de um palacio de fadas, ou de uma morada de nymphas, e a imaginaçõ sempre propensa ao maravilhoso se compraz logo em revestir todo esse ideal complexo, de douradas imagens e magicos accessorios.

Veio-me á memoria a famosa *Ali-Bá-Bá* das *Mil e uma noites*.

<sup>1</sup> Um dos nossos companheiros declarou positivamente, que não entraria na gruta, e com effeito se conservou fóra durante todo o tempo de nosso passeio pelo interior d'ella.

‘Todavia este grande compartimento é em sua disposição longitudinal, só até o meio dividido pelo grosso e compacto muro que se eleva do solo ao tecto, e que corre á esquerda, descrevendo uma meia ellipse que vai terminar no extremo occidental da boca da lapa e no canto mais a pique do barrocal.

O lagedo, n’esta parte, de plano que é ao principio, se vai elevando gradualmente, como uma rampa, com saliencias mais ou menos vivas, mas por onde se pôde andar com facilidade, sentar-se e até tomar posição para um delicioso e poetico descanso; pois que, sendo lugar mais elevado e enxuto, d’elle se descortina um bello panorama, isto é, quasi toda a graciosa linha de arvores fronteiras, em grande parte o reconcavo entre as quebradas coberto de denso mato. Além, em um cabeço, uma parcella do campo vicejante, e em baixo, a alguns metros, o scintillar praticado das aguas da cachoeira a escaparem-se em encaracolados sulcos, produzindo fracos murmurios, doces, talvez, como os da fonte *Egeria*, e que tendem a imprimir no coração uma sensação indizível de ternura e de saudade, e obrigão o espirito a uma meditação oppressiva e tetrica, dispoem o animo a um como aborrecimento e desapego das conzas terrenas, e fazem elevar-se a alma até a Divindade em considerações mysticas, indefiniveis, incomprehensiveis ainda a quem as experimenta.

Tal, pelo menos, comigo occorreu, nos poucos momentos que fiquei só, que pude evitar o ruidoso convívio de meus companheiros.

Para o homem sensível e religioso, para aquelle que, na poesia da natureza vê em cada estrophe um hymno ao seu Creator, e que até se achar solitario, espectador mudo d’aquelle quadro de tão variados e extranhos paineis, elle será, sem duvida um manancial fecundissimo em inspirações grandiosas e uma imaginação viva e ardente, debaixo de tal imperio, produziria paginas de uma sublimidade e sentimentalismo quiçá tão admiraveis como originacs.

Como dizia, a especie de nave que corre logo á entrada da gruta, tendo, em lugar de columnas, para o fundo um grosso muro, interrompe-se em sua divisão pela suspensão d’este, cuja extremidade disforme parece indicar, ou tal apraz á imaginação figurar, que foi elle a camartello derrocado, afim de dispor-se uma passagem para os vãos mais profundos que se estendem além: esta abertura prolonga-se para a direita do espectador até aonde a vista não pôde attingir, pois, parecendo terminar á alguns metros, por um rapido estreitamento do solo com a cumieira, alarga-se depois e indica prolongar-se muito pela raiz do monte, e quem sabe se não irá ter a vãos mais espaçosos ainda e mais admiraveis por sua fórma e disposição.

Mas, para atravessar por aquelle lugar opprimido forçoso seria andar quasi de rastos, e ainda que quizessemos intentar tal investigação a escuridão que ha para o interior duplicaria as difficuldades. De nós, porém, estava bem longe o desejo de o experimentar e até se nos occorreu esse pensamento não o quizesmos communicar uns aos outros.

Havendo decorrido proçissionalmente por todo o espaçoso salão da gruta, paramos no extremo do grande muro, ou parede central, tendo subido por uma rampa de pouco declive, e notamos que do lado opposto ha outra semelhante que se rebaixa em sentido inverso, e no cabo d'ella, além, percebemos, na escuridão, o dubio clarão d'agua como recolhida a uma especie de caldeira, ou poço soturno e tristonho; despedindo com força alguns seixos por cima d'elle conhecemos, pelo ruido longiquo que fazião ao cahir, que a gruta n'aquelle sitio avança, quem sabe que de espaço pelo interior do monte, e bem de vontade tive em seguir por ali avante com o meu exame, mas preciso era que estivessemos munidos de velas, ou algum facho qualquer, para dissipar as trevas que ali reinão e que naturalmente irão dobrando de intensidade á proporção que se avance.

Conjecturamos que talvez aquelles antros profundos servissem de morada a animaes bravios, mas nenhum vestigio tinhamos até ali descoberto e nem nossos cães davão o menor signal dos que costumão quando presentem caça, porquãto tendo-se-nos reunido n'aquelle sitio nem fariscavão para o interior e tamanho parecia ser o seu pavor encarando para esses vãos tenebrosos que nenhum movimento fizerão para ali penetrar, tendo antes percorrido os lugares menos escuros da caverna e entrado por todos os seus recantos: em um d'elles tinhão feito levantar uma nuvem de morcegos que se espalharão logo por aquelle vasto recinto, agitando as azas com grande estrepito, e fugindo outros como aterrorisados, que forão sumir-se por entre as arvores fronteiras, buscando outros escondrijos

Esta circumstancia viera mostrar-nos o quadro um tanto ao revez; não ha, porém, luz sem sombras nem direito sem avesso: eu quizera que n'esta gruta só esvoaçassem rolas, ou sabiás, ou beija-flores; seria por certo companhia mais digna das nymphas, cujo nome tem.

Descendo da altura aonde fomos ter, voltamos ao grande quadrilongo que fórma a parte mais importante da gruta, e tendo parado no meio d'elle, outra vez nos entregamos á aprazivel apreciação de sua singular estructura, sua amplidão, a solidão que ali domina e a graciosa paisagem que se estende em frente, composta de viridentes arbustos, de formosas arvores, arreiadas de sazoadas e mimosas fructas, entrelaçadas de ramosas lianas,

que em festões pendião ornadas de suas próprias flores e das emblematicas flores do *maracujá*<sup>2</sup> em seus encaracolados filamentos.

Dir-se-hia obra dos sylvanos dos bosques, que, em passatempo ali se entretiverão em companhia das nymphas socias dos seus folgnedos.

De novo me acudirão á mente os pensamentos que me suscitára a vista da cascata, e aqui com mais verosimilhança ainda: quiçá esta caverna servisse de morada a brazível e desvió á alguma familia de guaranyes ou de charruas, que estanciavão por estas paragens; e em tempos mais recentes, de abrigo e refugio a outras que fugião aos perigos da guerra, quando estas fronteiras forão invadidas; e durante a revolução não poucas serião as infelizes que ali conseguirão retrahir-se á perseguições e á injustas vinganças dos partidos; e quantos malleitores não tem, talvez, escapado a bem merecidos castigos, homisiando se n'aquelle latibulo, em occasiões de aperto pelas pesquisas contra elles ordenadas!...

A área da gruta é tão vasta e taes suas commodidades, permitta-se-nos assim dizer, que n'ella poderião conviver sem constrangimento muitissimas pessoas; e já um curioso que ali foi ter ha annos, convidado pela extranheza da relação que d'ella fazião os camponezes, calculou que n'ella podem acampar folgadoamente acima de mil homens, compto que não nos pareceu exagerado, e isto sem contar com os diferentes vãos que provavelmente existem para o interior, e cujo ingresso só se poderia conseguir, como dissemos, com o auxilio de luzes, de antemão preparadas para tal fim.

Talvez que, como a admiravel gruta descoberta nos confins do Paraguay pelo viajante portuguez A. R. Ferreira, ella continha espaçosos repartimentos, e bem se lhe poderia applicar as palavras que, descrevendo aquella, sahirão da penna do sabio naturalista:

« Observando este soberbo edificio não é possível que o espectador deixe de se transportar de prazer, misturado comtudo de sentimento de vêr uma producção assás elegante e admiravel da natureza, posta em lugar onde tão raramente obtem o tributo que merece. »

Se o espaçoso salão da gruta tivesse altura proporcionada ás dimensões de sua largura e comprimento, sem duvida que apresentaria ao espectador a perspectiva de um grandioso templo, ao qual a mão do tempo tivesse já começado o seu trabalho de des-

<sup>2</sup> Passiflora, por contracção de « flos passionis », flor da paixão, é a bella flor que os nossos indigenas chamão do maracujá, e á qual os poetas dão o nome de martyrio, tomando-a por symbolo da paixão de Christo.

truição, esburacando e deteriorando as faces de suas paredes colossaes e derrocando, em uma e outra parte, a formidavel abobada que lhe serve de uma como cumieira monstruosa.

Sobre tudo o que nos eucantava chegando aos umbraes da larga entrada da caverna, era a amenidade que gozavamos áquellas horas de calor, pela natural frescura do lugar; a umbria do monte, pela vista pitoresca da alea de arbustos que se estende em toda a longura do atrio, pelo odor de suas flores e fructas, e pelos graciosos tapizes de estranhas gramineas, que por ali se estendem a espaços divididas por lagos planas de variadas figuras; umas escalvadas, outras cheias de musgo, e que em um romanesco ideal, se nos figurou, como nativas mezas em que as náyades da cascata e as dryades da gruta houvessem de celebrar seus mysteriosos festins.

A alguns de entre nós veio á fantasia recostarmo-nos n'esses coxins rusticos; outros forão tomar agoa á palma das mãos, da que em pequenos estelicidios cahe do alto da lapa, e, áquella hora de calor intenso, estava ella fria como gelo, o que nos causou ao beber d'ella uma agradavel sensação, e, mesino sem pensar nas consequencias que poderia haver d'esta imprudencia, rociámos com ella a fronte, e alguns a cabeça.

A hora, porém, das impressões que primeiro sentiramos, a de nossa admiração muda e contemplativa, era passada, e procuravamos agora, em brincos e devaneios ruidosos, excitando-nos mutuamente, reagir, por assim dizer, contra aquella especie de apathia e de indolencia physica, que tinhamos experimentado em o nosso moroso passeio pelo interior da caverna.

No emtanto ia-se fazendo tarde, e satisfeita nossa curiosidade mister era que nos fossemos dispondo a deixar aquelle palacio encantado, a respeito do qual contaremos, talvez ainda um dia, ao leitor uma sentimental, mas quiçá bem pavorosa historia.

Caminhámos ao longo do patamar para a direita da entrada e no fim d'eile nos voltamos ainda uma vez para ver d'ali em uma outra posição o fundo da cascata, e a frontaria da gruta.

Observando o modo como sobresahe a desmesurada lapa superior facilmente se concebe a disposição que tomão as agoas do ribeiro em tempos de cheia, e é em taes occasiões que formando um largo chorro se precipitão do alto, galgando assim todo o terreno que se estende em frente da gruta para de borbotão, e com estrepito, se irem chocar no fundo da cachoeira.

Quem então se achar no interior d'aquellas verá todo o amplo vão em frente tomado por uma larga cortina argentina, diaphana, tremulante e quiçá prismatica. . .

Que espectaculo estranho de sublimidade, e ao mesmo tempo pavoroso deverá ter ante si o espectador que ali se achar solitario em

colloquio mudo com os mysterios d'aquellas concavidades soturnas e sobre as impressões poderosas de uma natureza tão variada e estranha e sobretudo tão imponente nos mesmos infaveis arcanos de sua indefinivel e magistosa solidão! . . .

Ah! eu o repito, estes lugares tão depreciados por seus habitantes, todavia comprehendem em seu recinto tantas bellezas naturaes, sitios tão agradaveis e pitorescos, que para uma alma religiosa e poetica offerecem os mais magicos enlevos, aos corações sensiveis emoções ternas e saudosas e á mente verdadeiros thesouros de sublimes e fecundas inspirações.

Finalmente, dizendo nossos adeuses ás nymphas da gruta, subimos rapidamente a quebrada e desembocamos no campo perto do sitio onde haviamos deixado nossos cavallo, que encontramos silenciosos e como dormitando á sombra das arvores a que estão presos.

Erão 3 1/2 horas da tarde e bem que demorada tivesse sido a nossa excursão nos convidamos para uma segunda visita, em que, melhor prevenidos, possamos talvez, levar mais avante nossas investigações e dar larga satisfação á nossa curiosidade.

F. DA NATIVIDADE FRANCO.

Itú, em Missões, Fevereiro de 1874.

# OS FILHOS DA DESGRAÇA

## ACTO IV

DECORAÇÃO. -- Sala em casa de D. Maria. Portas e janellas no fundo.  
Portas lateraes.

### SCENA I

Adriano e Fabio

ADR. — Vinte e oito annos de prisão, meu filho, vinte e oito annos, em que o desalento e o desespero ter-me ião quebrado as forças, se a sublime philosophia de Christo não viesse derramar sobre mínhas feridas doce e anodyno balsamo!

FAB. (*a parte*) — Inditoso pai! (*Alto*) Porém ainda não me referio como Bazilio pôde reduzi-lo á miseria, como conseguiu atiral-o ao fundo de um carcere...

ADR. — Escuta. Fomos amigos desde a infancia. Eu era rico, elle pobre; mas a differença que a fortuna estabelecera socialmente, nunca viera annuiar o céu de tão santa amizade. Morrendo meus pais, lancei-me nas vias do commercio, chamando a Bazilio para junto a mim, com o fim de auxiliar-me na escripturação, ou antes para protegel-o. Dois annos decorrerão e a mais serena felicidade pouzava em nosso lar. Tua mãe era um anjo, e tu o laço de amor e alegria que mais me prendia a ella. Bazilio, activo e providente, habil e honesto, tinha de tal modo feito progredir os capitacs da casa, que deposei n'elle toda a mi-

nha confiança, fil-o meu socio. Então elle foi a alma de tudo, manejou todos os negocios com um exito tão espantoso, que excedia á minha expectativa, aos mais lisongeiros calculos. Eu seguia todos os seus conselhos, obedecia-o cega e machinalmente, até assignando papeis em branco na melhor boa fé, crendo que esta exigencia fosse apenas para facilitar seus projectos de especulação. Por esse tempo deu-se um assassinato á porta de minha casa, durante á noite, em um empregado do governo que trazia grossa quantia, a qual foi por certo a causa de semelhante crime. No dia seguinte a mascara cahio a Bazilio; denunciou-me como autor do homicidio que tivera lugar. Fui preso, houve devassa. Eu estava calmo, porque sabia que nada encontrarião que me condemnasse. A consciencia tranquillizava-me; no entretanto não me punha a salvo das maquinações infernaes d'um hypocrita! O' qual não foi meu desespero e minha agonia, quando soube que haviam achado papeis e ainda algum dinheiro da victima em minha secretaria?! O que soffri então, não posso dizel-o hoje... Enlouqueci nos paroxismos d'uma angustia sem nome!... Era demais tudo aquillo para um homem de bem que não julgára nunca a alma humana capaz de tanta perfidia e tão negra ingratidão! Um mez depois de mortal enfermidade ergui-me do leito com a firme disposição de justificar-me, e recriminar a Bazilio como o unico autor do trama de que eu era accusado... mas estava perdido, irremissivelmente perdido! Tudo que eu possuia, cahira nas mãos de Bazilio; a assignatura que elle obtivera na confiança da amizade, servira para desapropriar-me.

FAB. — Eis a causa das perseguições e infelicidades que tantas vezes acompanharão-me... Até no meio do oceano tentarão contra os meus dias... Agora advinho tudo, e seguro o fio dos tão complicados acontecimentos de minha vida... Mas não poude meu pai nunca justificar-se?

ADR. — Justificar-me?! Era impossivel! O povo julgou-me innocente, mas faltavão as provas, e eu não tinha uma só testemunha para proceder contra Bazilio. Illaqueada a minha boa fé, o que podia fazer? Não era soffrer as consequencias de minha inexperiencia? O jury absolveu-me á primeira vez, houve appellação; entrei de novo em julgamento, e os homens que então decidirão de minha sorte, ou dominados pela influencia que Bazilio adquirira em seus animos, ou por mesquinhos interesses, ou mesmo pela fraca defesa, condemnarão-me. A meu turno appellei; mas Bazilio trabalhou activamente na côrte e a sentença foi confirmada...

FAB. — E minha mãe, e eu como desapparecemos?

ADR. (*com angustia*) — Tua mãe!? Não me perguntes...

Mesmo não sei... O' tua desventurada mãe era um anjo! (*Apon-  
tando para o céu*) Naturalmente Deos a tem.

FAB. — Ah! Bazilio!... Bazilio! Estatua de ouro, eu te fundirei em tua propria officina!

ADR. — O que queres tentar?

FAB. — A vingança sem quartel.

ADR. — Será em vão. A victoria é d'elle, porque as provas nos faltão e o dinheiro lhe sobra.

FAB. — E meu filho que conservou na escravidão, sendo livre?

ADR. — Como o provarás, filho?

FAB. — Como o provarci?!... Tem razão... E' o genio do mal; aquelle homem pensa bem e obra melhor! E como se acha meu pobre Gabriel? Já o vio hoje?

ADR. — O medico considerou grave o estado. O pulmão está um tanto affectado com o barbaro castigo, a febre não tem diminuido... Vou vel-o e dispor tudo para transportal-o.

FAB. — Não poupe despezas, meu pai, traga-o; traga-o... Desventurada criança! Victima talvez de seu proprio pai!... (*Adriano sahe*).

## SCENA II

Fabio e Carolina (que entra)

CAR. — Ouvi tudo, Sr. Fabio; agradecida.

FAB. — Ouvio? O que?

CAR. — Já não se lembra? Ainda agora... O meirinho que veio fazer a penhora por ordem do Sr. Bazilio?

FAB. — Como está sua mãe, D. Carolina?

CAR. — Dorme, está mais calma.

FAB. — Escute, D. Carolina, necessito determinar hoje minha posição a seus olhos. Encontrei um pai, por quem ha tanto suspirava; encontrei um filho que julgava perdido para sempre; meu coração pulsou alegre e expansivo ás duas affeições que surgirão tão inopinadamente, aspirou-lhes o perfume com summo prazer... Sou feliz, mas ha uma outra affeição que me falta, como complemento a estas duas, é o amor d'uma esposa. Cousente que eu lhe peça esta felicidade?...

CAR. (*commovida*) — Sr. Fabio, posso acaso aspirar pela realidade d'um bello sonho, que um dia affagou-me? Não. O senhor

é rico, bello, um coração nobre e elevado que merece mais que o amor d'uma pobre moça.

FAB. (*tomando-lhe a dextra*) — D. Carolina, procuro a unica e verdadeira felicidade; uma alma como a sua, não eivada nos salões do mundo. Eu amo-a, amo-a, com toda a sublimidade do sentimento. que prende em laço eterno dois entes, que os transubstancia n'um mesmo ser ante Deos e ante o mundo.

CAR. (*em extremo commovida*) — O' minha vida é curta para pagar-lhe tantas dividas! (*Faz menção de ajoelhar-se, Fabio a detem*). O senhor será feliz... muito feliz...

FAB. (*Fabio estreitando-a*) — Agradecido, mil vezes agradecido!

MAR. (*com voz debil no interior, á direita*) — Carolina.

CAR. — Mamãi me chama, Até já. (*Sahe*).

FAB. (*seguinto-a com olhar affectuoso*) — O' comtigo, Carolina, até na pobreza ha sorrisos e venturas! O infortunio adoçado por tua palavra meiga, em teus braços é ainda um paraizo. (*Toma o chapéo e sahe*).

### SCENA III

Bazilio (*que espavorido e cansado. as roupas em desordem, salta a janella do fundo, e fecha-a apenas dentro du sala*)

BAZ. — Ah! que horrivel phantasma me perseguia! Era elle! o marujo! Elle mesmo em corpo e alma! Que olhar de Medusa! Que raiva! O' minha vida está ameaçada!... Mas onde me achó?

### SCENA IV

O mesmo e Carolina

CAR. (*sem ver Bazilio*) — Pobre mãi! Sonhava! Nem era possivel que acordasse, o medico dera-lhe opio. (*Notando a Bazilio*) Oh!

BAZ. — Carolina!

CAR. (*em tom supplice*) — Piedade, senhor! Mamãi está muito doente, não póde fallar-lhe.

BAZ. — O' não se inquiete, Carolina, vim apenas saber de sua saude, e ao mesmo tempo descansar um pouco; pois fiz uma longa caminhada. Um velho cansa nas mais curtas distancias. (*Ouve-se o rodar de um carro que pára á porta*).

CAR. — Desculpe, Sr. Bazilio, se pensei mal do senhor... mas tem-n'os feito soffrer tanto!

## SCENA V

Os mesmos e Carlota

CAR. — Carlota!

BAZ. — Minha filha!

CARL. (*a Carolina*) — Sim, a infame Carlota, que vem dizer-te: Ri-te, Carolina, ante meu opprobrio. ri-te, regosija-te, venceste, porque aquelle velho imbecil (*Designa a Bazilio*) apontou-me as veredas do vicio, em vez de guiar-me á virtude.

CAR. (*em tom de queixa*) — Não sejas má, Carlota! Insultaste-me um dia sem motivos, e tive então coragem bastante para repellir a offensa; mas hoje, se minhas lagrimas pudessem remir teu infortunio, certamente eu te as daria todas.

CARL. (*commovida*) — Será possivel? Tu perdôas? Esqueces tantas dôres, tantas agonias que te fiz soffrer?

CAR. — Esqueci tudo, Carlota, para lembrar-me que soffres.

CARL. (*que faz menção de abraçá-la e hesita*) — Não te pejarías de abraçar-me; Carolina? (*Carolina desfeita em prantos estreita a contra si*)... O' eras tu, sim, tu, que eu devera encontrar, apenas lancei-me á vida... (*Soluçando*) Tu, tão nobre, piedosa e pura! Eu seria outra, não teria commettido tantos desvarios, e poderia viver feliz e abençoada... O' poderia, mas... (*Voltando-se raivosa para Bazilio que tem contemplado toda esta scena pasmo de admiração*) Miseravel! foste tu que me atiraste a um precipicio! (*Tomando-o por um braço*) Se a sociedade perguntar-te: O que fizeste de tua filha? O que responderias? Ah! tua consciencia teria o remorso, teus olhos uma mulher sem coração! Um automato que se move pelos impulsos da vaidade, impureza e orgulho que soubeste insufflar-lhe! Não é? O que dirias, se Deos pedisse o deposito que confiou-te?

BAZ. (*de joelhos*) — Piedade! Piedade! Carlota!... Minha filha! (*Carlota repellindo-o bruscamente, elle vai cahir sobre o soalho*).

CAR. — O que tens, Carlota? Socega... Tens febre?

CARL. — Foi elle, Carolina, o algoz de minha virtude e de

minha innocencia ; foi elle quem tornou-me vaidosa, quem inspirou-me quantas loucuras tenho commettido . . . Que importa-me fizesse dar uma educação de linguas e musica ?! Era esta a educação do espirito, mas não a que aproveitava ao coração . . . Eu tinha felizes disposições para ser boa e pura, mas elle matou-m'as todas ! elle deu á moça inexperiente, á filha que reclamava um guia em seu caminhar incerto, as feições de seu character duplo, as trevas de sua consciencia, os instinctos grosseiros de sua natureza ! O' ha homens que não merecem o grande e divino nome de pai !

CAR. (*supplice*) — Perdôa-o, é teu pai . . .

BAZ. (*arrastando-se até ella*) — Piedade, Carlota, piedade ! O' não queiras matar-me, filha !

CARL. (*delirante*) — Perdoal-o ?! Quem perdoará as minhas faltas ? . . . Piedade ?! Ah ! isto é irrisorio ! Quem a terá por mim ? . . . Nunca ! nunca ! . . . Resta-me morrer . . . meu opprobrio todos o sabem hoje . . . sou odiada . . . nem dão-me o olhar de compaixão que merece qualquer ente desprezível ! . . . (*Grito de intima alegria*) Sim, um incendio purifica tudo ! (*A Bazilio*) Maldicção ! (*Sahe e logo depois se ouve o rodar rapido de um carro que se affustia*)

## SCENA VI

Os mesmos menos Carlota

CAR. (*comprimindo o coração*) — Meu Deos ! Que scena horrivel ! Como me pulsa o coração !

BAZ. (*que tem-se erguido e está sentado com a cabeça entre as mãos*) — Parece um sonho ! . . . Sim, é um sonho ! . . . Não, não era Carlota ! . . . Quasi enlouqueci !

CAR. (*que o está contemplando com ar compassivo*) — Sr. Bazilio . . .

BAZ. (*ar allucinado*) — Carlota não esteve aqui ?

CAR. — Carlota ?! (*Pauza. Reflectindo*). Não, Sr. Bazilio, eu só tenho estado aqui.

BAZ. (*fitando-a*) — Então dormi ?

CAR. — Não, no emtanto o senhor se acha n'um estado febril . . .

BAZ. — Comtudo parecia-me ! . . .

CAR. — Era delirio.

BAZ. — Sim, é isto mesmo, eu sou um louco.

SCENA VII

Os mesmos e Adriano

ADR. (*reparando em Bazilio*) — Bazilio!

BAZ. (*recuando espavorado*) — Um outro phantasma!

ADR. (*com uzedume*) — Sim, um outro phantasma que o genio da vingança evocou do fundo de nm carcere.

CAR. — Poupe-o, Sr. Adriano!

ADR. — Poupal o?! A elle?! É' impossivel, minha filha.

CAR. — Se me estima, perdôe-o, como eu o perdoci... perdôe, por seu filho! Se o senhor soubesse o que lhe aconteceu, ha pouco?!

BAZ. -- Adriano, te restituirei tua fortuna integralmente; mas deixa-me, não me persigas. . (*Ouve-se o rebate de incendio*).

ADR. (*designando Carolina*) — Este anjo, a quem arrancaste tantas lagrimas, a quem fizeste soffrer tanto, intercede por ti... foge pois... Ao menos evita minha presença. Emquanto ás quantias que offereces como uma tardia restituição, guarda-as. Julgas que ha dinheiro algum que possa resarcir a injustiça que soffreu um homem de bem? Julgas que com millhões de moedas, com o fulgir do ouro, conseguirás jamais apagar a infamia que veio nodoar teu nome? Illuzão quedoira a frontedo crime! Vai-te, foge, para que eu possa esquecer na placidez do presente os horrores do passado, a má fé, a hypocrizia, a traição... Evita-me... Vem, alma ingenua e candida, que com uma só palavra sabes extinguir tanto odio... odio inveterado! Vem, abraça-me. (*Abraça-a e beija-a na frente. Bazilio vai sahindo*).

SCENA VIII

Os mesmos e o marujo Anlré (*que entra com a mão sobre a garganta de Bazilio*)

AND. — Por Santa Barbara! que afinal te dei abordagem, crocodilo dô inferno.

CAR. — Meu Deos! Sr. Adriano! ..

ADR. (*arrancando Bazilio das mãos de André*) — Suspenda, senhor!

AND. — Quem dá o direito ao patrão de impedir que eu acabe com este tubarão faminto de sangue e dinheiro?!

AD. (*com calma*) — Vinte e oito annos de prisão.

AND. — Vinte e oito annos de prisão! Por Santa Barbara! que eu soffri dez, e só por isto o faria viajar para o porto do compadre Botelho. (*Ouve se o rebate soar com mais força. Fabio que tem observado parte d'esta scena na porta do fardo, tem a physionomia consternada, os habitos em desordem. Bazilio está no chão inanimado. Carolina tremula, commovida, arrimou se a uma mesa.*)

## SCENA IX

Os mesmos e Fabio

FAB. — Morreu... Fiz tudo por salvá-a... não o quiz...

TODOS — Quem?

FAB. — Carlota... O castigo dos céos tardou, mas veio sempre... A casa de Bazilio é toda chammas... (*Ha profundo silencio por instantes. Carolina vai cahir. Fabio que o vê, corre a sustental a nos braços.*)

AND. (*cahindo aos pés de Fabio*) — Sr. Fabio... perdôe-me tambem, fui um grande peccador.

ADR. (*que tem-se abaixado, levanta-se com Bazilio nos braços, e a mão sobre seu coração*) — Anda vive!... Antes morrera, fôra mais feliz.

FAB. (*a André*) — Deos e Carolina te perdoão.

ADR. (*apontando para o céo, a Carolina e Fabio*) — Deos, meus filhos, seja a unica luz que illumee a nova senda que vão trilhar.

FIM DO QUARTO E ULTIMO ACTO

IRIEMA.

1868.

# SERÕES DE UM TROPEIRO

(COLLECÇÃO DE CONTOS SERRANOS)

## O TENENTE NICO

### I

Saudando os primeiros lampejos do arrebol, a nivea araponga pronuncia a aurora strugindo os échos do sertão com os estridulos gritos que, por semelhantes ao retinir do malho sobre a incude, lhe merecerão o cognome de *ferreiro*, porque é vulgarmente conhecido.

Disputando aos prismas do oriente os curraleiros, xarões, bai-tacas, sabiasicas e outros bandos da numerosa familia dos psittacus peião os ares com a aspera e discordante garalhada peculiar a esta illustre raça de palradores, cruzando o espaço em todos os sentidos em longos cordões, abatendo o vôo, aqui sobre o laranjal, ali levantando-o de uma roça de milho, acolá desaparecendo entre o lustroso folhede da canelleira, esmaltão céos e terra com as brilhantes e variegadas cores de sua linda plumagem; e, como estes, o tucano e o pavão selvagem, a arára e a gralha, a sabyra, o chupim e o passaro fogo reúnem ao volatil mosaico o escarlate e o amarello, o verde, o azul e o preto brilhantes de suas cores.

E' o dia que desponta! E' o hymno da creação, que resoa da harpa do universo e sóbe ao Altissimo nas espiraes de neblina, que se levantão da terra comas emanações de mysticos perfumes.

O sol, apenas erguido de seu leito de purpura e ouro, derrama

a luminosa ardentia sobre a cupula da matta virgem ainda humida de rocio, rarefazendo a diaphana gase de caligens, que envolvia o picturesque nucleo colonial, por impropria analogia denominado *Taquara*.

No angulo, que fórma a bifurcação da estrada, quando se abre nos dous grandes ramaes de Santa Maria e Mundo Novo, á poucos passos da ponte e por traz de uma bonita sébe de páo a pique, coberta de trepadeiras silvestres, roseiras de Outubro e maracujaseiros, que se ennastrão até o fuste de symmetricos geribás, como um colhereiro que levanta o vôo d'entre o juncaí da lagôa, obriga-se a travez das silvas e das franças do arvoredó, uma casinha côr de rosa com persianas verdes, mimoso specimen das pequenas propriedades ruraes encravadas nos anfractuosos desfiladeiros do Hartz, e que parece ter servido de typo ás outras, que marginão a estrada d'ambos os lados até bem proximo do agro fecho do Bugre morto.

Ao lado de uma das muitas casas de commercio d'este importante povoado, emporio mercantil de toda a Cima da Serra, em um vasto alpendre coberto de taboinhas, erguia-se uma grande pilha de cangalhas, bruacas, surrões, barricas, fardos, ligares, finalmente todo o arsenal de que se compõe a carga e arreamento de uma tropa.

A' a que alludimos pertencia ao tenente Nico e a seu pae, o velho Juca Antonio, por antonomazia do « Capão ralo », heriba de antiga tempera, e um dos estancieiros de mais haveres de todo o districto de S. Francisco de Paula de Cima da Serra.

Filho unico de um ricão, era o tenente Nico tambem arremediado. Official da guarda nacional, e quasi sempre investido de cargos policiaes, ou de eleição; escusado é dizer que — o filho do velho Juca do Capão ralo, era uma das mais acatadas notabilidades do districto.

E justiça lhe seja feita: elle era merecedor do respeito e popularidade que gosava. Verdadeiro typo do homem hourado e criador, o tenente Nico tinha ainda a seu favor, além de uma figura sympathica e esculptural, tanta energia na acção quanto possessia de cordura e amenidade no trato; affavel, circumspecto e honesto, gozando os fôres de valente, o nosso heróe, quando era preciso, sabia mostrar evidentemente para o que servia o bastão da autoridade. Nunca lhe veio ás mãos um pleito, que não resolvesse com presteza e rectidão, e por isso tambem não permittia aos litigantes o direito de recurso. Era aquillo que dizia, e ai! d'aquelle que lhe respingasse.

Despindo a farda da guarda nacional e a facha de subdelegado ou juiz de paz, e envergando o ponxo e as botas vermelhas do tropeiro, não havia ali na travessia da serra outro que gozasse de

mais credito e estima do que o tenente Nico ; ninguem melhor do que elle safava um cargueiro do atoleiro, ou sacudia um boi do matto.

Assim é que aos primeiros gritos do *ferreiro* vêmos o nosso serrano sacudindo de si o ponxo, que lhe servira de coberta, como os arreios lhe tinham servido de cama, acordar a peonada, que roncava a somno solto.

— Hê! hê! rapaziada! Olha a serra que nos vem em cima! Toca a pôr de pé! Parece que vocês passarão a noute na ronda... dormem que os leva a carêpa!

A esta alvorada *sui generis*, vibrada por um pulmão d'aço, virgem de tuberculos ou hemoptyses, vão uns após outros, e a custo, erguendo-se o esperto mestiço, o indolente mameluco e o mais boçal de quantos desgraçados arrancou a pirataria legal dos aridos seios d'África.

— Bom dia, meu amo, resmonêa o mulato José, esfregando os olhos. Eu me-deitei ao cantar do gallo, o diacho do baile dos lamãos foi até quasi de madrugada, e depois, meu amo bem sabe, quando a viola começa a pontear, a gente nem se alembra de mais nada!

— A viola ha de te dar cabo da casta. Olha José, diz o rifão — que « receber dinheiro e conselho nuuca faz mal. » Toma pois o que te vou dar: atira com essa viola no primeiro taymbé que tomares, e diz que eu te engano.

— Ah! seu tenente — eu, sem viola, era mesmo um corpo sem alma! Por Deos e um pialo! que se o mulato não cantasse quando lhe bate a paquêra... arreganhava de pezar.

— Qual cantiga, nem meio cantiga; isso é bom p'ras moças da cidade, que não tem mais que fazer do que estarem a s'esgue-lar dia e noute. Não é debalde que aquelles dianhos andão mes-mo esturricadas que da pena.

— Como a outra lá da rua do ferragista, atalhou malignamen-te José — que me fazia lembrar o ganiço do *Crubra* quando avista o virá! Ah! ah!

— Chega a tropa, Joaquim, e tu ó Manoel avia-te de uma vez, rode!hudo velho, e prepara o churrasco.

— Lâvado sêa nosso seor suns Christu, estropia pac Manoel em resposta ao acervo de adjectivos com que o cumprimentá-ra seu senhor; tirando da guayaca o isqueiro de chifre, em que petisca fogo, enquanto o indio Joaquim ali vac, com passos tardos e vacillantes já pelo torpor que o somno interrompido comunica aos membros, já porque se estrêpa nas pontas de páos e raizes, que assignalão n'esses campestres os vestigios do roubo feito ao matto virgem pela acção destruidora do machado e do incendio.

O movimento iniciado pela tropa do tenente Nico, como se estimulasse os outros tropeiros e aos habitantes da Taquara, manifesta-se em todos os pontos. Abrem-se as portas de todas as casas; aqui desprende-se a enorme e pesada roda de um engenho que, recebendo de uma grossa bica a força propulsora, começa sua monotona e perra rotação; ali são os clarões cambiantes, que tingem de reflexos rosi-dourados as ennegrecidas paredes da forja; ali é o açougueiro que, brandindo a machada, divide e subdivide os quartos de carne á vontade dos freguezes, que se lhe agglomerão á porta; além o padeiro, a carroça com verduras, o leiteiro, o carro de carga, as tropas de gado e bestas, que se cruzão, umas descendo outras subindo a serra.

Pela rua formigão no mais democratico e bizarro entrelle desde a loura de olhos azues e brancor de alabastro, até a morena de longos e negros cilios, de cujos olhos se instilla o fogo, que acrysolá o ideal brasileiro. Em tudo e em toda a parte reina o bulício domestico, o movimento da industria, da agricultura, da arte e do commercio, que caracteriza esse grande povo, que tem por patria o coração da Europa.

Desde a illustre matrona, esposa do pastor evangelico ou do medico, da filha do mais abastado commerciante, da *jungfer* até a miseravel *saugamme*, a pobre *wascherin* e a trérega *magd*, todas d'envolta sem distincção de posições ou idades, confundidas com os representantes do sexo contrario, ahi vão em lhana e jovial companhia á proverem-se do que lhes é mister para os lazeres domesticos, ou de suas profissões.

Essa larga trilha arcieuta, que corta o povoado em sentido norte á sul, e que não é mais que a mesma estrada do Mundo Novo, toma então o aspecto, a vida, a actividade de uma das nossas mais frequentadas e importantes ruas commerciaes.

Para aquelles de nós, os enfezados filhos das cidades, que nunca ultrapassarão os limites suburbanos, adstrictos a uma cerimonia e impertinente compustura na palavra, no ademan, no porte, no andar e até no traje; emfim, em tudo contrafeitos: — nos negocios dubios; nas affeições fallazes; — nas expansões de patriotismo ou de philantropia, visando a satisfação da vaidade, quando uão interesses, os mais sordidos... Para nós, que nos erguemos como um espantallio na figura de uma interrogação pretenciosa, ou de um problema; que põmos tudo em equação, aquillo que ali se vê é um impossivel!

Para nós, que absorvemos em cada sorvo do leite mercenario, com que nos mandão alimentar, um toxico fatal; que aspiramos no proprio lar da familia, em cada hausto de ar que nos cõa os pulmões, os terriveis miasmas da adulação ou da intriga, do egoismo ou da desmoralisação, — aquella sociedade de costumes são

e simples, de homens de compleição herculea, capazes do sacrificio da vida na lealdade de suas affeições, e da fortuna no cumprimento de seus tratos: d'esses homens, que sob a grossieira crosta tostada pelo sol dos descampados e das coxilhas, agasalhão almas candidas e grandes como a natureza que os rodea. . . oh! para nós, aquella existencia placida e feliz, tão laboriosa quanto alegre, tão desprendida das apparencias, quanto sincera, quanto profundamente religiosa, é considerada, quando não uma utopia como a republica imaginada por Platao, uma cousa ridicula! Mas para aquelles á quem, ou a fortuna ou a curiosidade indagadora e estudiosa, ou a força das circumstancias arrastou um dia até elles. . . mas para os que se sentirão uma vez acalentados ao seu doce conchego, oh! para esses, aquillo é o supremo gozo, a consolação, o sublime da vida.

No santo entusiasmo d'alma, que se enleva admirada, o rosto enrubece-nos, o coração confrange-se, e o labio arqueia-se debruando-se com um sorriso desdenhoso e ironico, ou de comiserção pelo nosso fatuo e ridiculo individualismo! . . . á nossos proprios olhos, no julgamento de nossa propria consciencia, convencemo-nos de que a nossa sociedade, que tanto alarde faz de sua civilização, é ante aquella um contraste repugnante. . . hediondo!

Vai, porem crescendo o dia: o sol apenas á dous laços d'altura derrama seus brillhantes raios sobre o povoado, e o tenente Nico arranca-nos d'esta intima e poetica convivencia, d'este agradavel borborinho para fazer-nos presenciar um spectaculo inteiramente novo, scenas tão originaes como contristadoras, e simultaneamente tão sãs e perdoaveis como os erros da ignorancia e da rotina.

Pouco além do galpão, no angulo que fórma este com a taipa do piquete, redemoiñão umas cincoenta bestas de todos os pellos e condições, desde a nédia mula de cor até a pello de rato, desde a de sella até o macho xucro, de carga.

O tenente Nico de maneador, José de laço, Joaquim de sovéo e pae Manoel de arriata em punho, a cada lanço de tirão ou de reborquiado enlação esta ou aquella das bestas, que desejão encabrestar e as vão amarrando aos postes para esse fim adrede fincados.

Finda esta operação preliminar, que é brevissima, trata cada qual de ensilhar sua cavalgadura e passa-se ao encangalhamento.

N'este intervallo pae Manoel finca no chão um enorme espeto onde vê-se mais ou menos uma meia manta de charque assado, saborosissimo pitéo a que fazem honra os tropeiros com esse appetite que participa um tanto do qualificativo devorador.

Recomeça pois a lida interrompida, pelo carrego da tropa. O tenente Nico substitue o palanque: segurando o cabresto, que tor-

ce com a orelha da besta, enquanto os outros carregão-na.

José, de outro lado, ahí vem com o bixará tapar os olhos a mula xuera, que uma vez vendada subordina-se soccagadamente. Uma após outra, todas as bestas passão por identico processo, recebendo, como senlia de estar prompta, um tremendo tabefe nas ventas.

A tropa tem terminado seus aprestos. Pae Manoel encarapita-se na *Monjolo*; o sincerro tóca avançar; as bestas redemoinhão no rodeio, e uma atraz da outra, cadenciando o passo, começam a marcha. Ao salir da porteira uma rodomona esbarra contra a tronqueira, a carga pende, a besta assusta-se e em dous destroncados corcovos, arrebeta o tranca-fio, atirando uma das bruacas ao chão, enquanto arrasta a outra ainda presa na arriata, na disparada em que vai.

O mulato José por em não cochila; pisa-lhe no rasto; arrancano o laço, cobre-a com a armada que se lhe vai cêrrar a meia cara, e bancando na redea, florêa o laço, cuja ultima spira distende-se dando com a besta em terra, sem estrangulada.

E' uma variante da scena. O pobre quadrupede, com o admiravel instincto da propria conservação, levanta-se, dispara, emperra, mauotêa, luta tenazmente; mas o laço arrocha-lhe a garganta, os olhos injectão-se par-cendo saltar-lhe das orbitas, as narinas abrem-se descommunalmente, o estertor da asphixia contrahe-lhe todo o corpo, o terreno parece faltar-lhe sob as patas, trambalcia e cahe, vencida por esse direito a que ainda se curva a humanidade — o direito da força.

A este tempo já o tenente Nico que não é cá um maricas, afrouxando o laço, que a sufocava, tem lhe passado a mão ao cabresto, e pregando tres gritos ao ouvido, fiêi ao conceito *res non verba*, com aquella ingenua naturalidade dos bons tempos d'el-rei nosso senhor, deixa-lhe cahir por entre as orelhas o cabo do arriador, que a faz de novo afocinhar.

O pobre animal aterrado, tonto, resigna-se finalmente.

A lingoagem, ou gyria do tropeiro, é-nos não só difficil de descrever, por faltar em nossos vocabularios essa peculiar technologia, como pelo temor que temos de offender a castidade de ouvidos, que feriria uma *palavra grossa* do ignorante — porem que se seduzem ao rythmo lascivo de uma anachreontica.

Pae Manoel encastellado na *Monjolo*, linda machorra, tão delicada na estampa, quanto barbara no commodo, rompe de novo a marcha interrompida pelo accidente narrado, e lá se vai a tropa serra acima, na graça de Deos.

Poucos minutos depois desaparece em uma volta da picada a picturesque Taquara, onde ainda por algum tempo se prolongão os echos do — xá! xá! do tropeiro.

II

Mão grado a asperrima estrada, se tal nome pode dar-se a uma pessima picada de alguns metros de largura, aberta no sertão, sinuosa e agreste, ouriçada de enormes fechos de pedras e de profundos atoleiros, ora beirando medonhos precipícios, ora remontando ingremes e escorregadias anfractuosidades, ora contornando intrincados zig-zagues quasi a prumo; — mão grado todos os obices que difficultão o transitó, a tropa vaqueana e traquejada galga as agruras, quasi inacessiveis da serra, com passo firme e cadenciado ao badalar do sincerro

Já vai longo o caminho feito; e graças a clareira que corôa o tope do serro vê-se nas proximidades o grande plató, por sua singular configuração denominado o — morro da Canastra. O sol em pino reverbera seus igneos raios na estrada, que ao attrito da tropa levanta ennovelladas ondas de pó vermelho, quasi impalpavel.

— Pssss, que polvadeira! Vamos chegar ao campo c'um barreiro no estomago! Alcança-me o borrachão, José. á ver se se dissolve isto cá por dentro. Que soalheira, safa! que isto derrete um home!

— Nhôr sim: derrete a gente e assa o alimal... Vauncê olhe a *Pombinha* como vai toda se lombiando.

— E como não, se a carga vai torta?

-- Torta? Chê, qu'esperança! a alça da bruaca do lado d'enlaçar é que está mais descida pramóde igualar o peso, mas vauncê veja que os cabeçotes da cangalha enfião bem por entre as orelhas do bicho.

— E a *Gaiivota* tambem, olha como vai aquella ave do dianho, se torcendo e mosquiando.

— Essa sim, coitada, está toda lacranada.

— Pois podéra não estar, se tu o tempo que debes chegar caraguatá ás basteiras, ainda não te chega para andares de fandango

— Uhé, meu amo, antão-se é pramóde os bastos, ou pramóde este calorão, que está fazendo?

Ião n'esse colloquio tropeiro e peão, quando a tropa refugando os pechou na sentada.

— Que diabo é isto? — Fóra mula... xá... xá... bóta arriba tropa magra.

— Volta mulinha, ó dianho, olha a estrada! Bradão os tropeiros, atacando e dando volta ás bestas, que de novo recuão umas, e outras estatelão, tremulas, ao mesmo tempo que se ouve u m grito pavoroso de pae Manoel, e passa disparada a cguia ma-

drinha, que tendo dado em terra com o pobre negro velho, foge espavorida, levando a desordem á tropa.

— Que é lá isso, pae Manoel?

— Ah! mia xomoço. . . zôio di ere tá relozando no bamburrá, que nem zôio de boytatá. . .

— O que é negro, do diabo? grita-lhe o tenente, arremetendo-se para a frente.

— A tigre xomoço, que ta ri mêmô turo reganhado.

— Salta d'ahi, macêta ruim! O' José, chega ao churrasco. Olha a pintada que está a rir-se de ti.

— Deos a traga, meu amo, que é carne fresca! responde-lhe o mulato sobraçando o mosquete.

— Não atira, diabo, que me furas o couro. Me deixa ir lh'esfregar o bixará nas ventas, interrompeo Joaquim acceso em feroz gaudio; e boleando-se de sua cavalgada, descaasca uma longa e afiada adaga, enquanto revoluteando o bixará o enrola no braço esquerdo.

— Olhem o dianho! Salta d'ahi Joaquim.

— Deixe patrão, vou salvá o compadre.

— Ora não querem o dianho do bugre. . . que tem medo de qualquer mulinha perrengue. . . o que quer fazer?

— Ah! patrão, é que a mulinha atira o bote pra traz e o gato só o dá p'ra frente, e já se sabe, pulou stá sangrado. E bamboleando o corpo, com uma flexibilidade e dextreza que ninguem lhe supporia, ahi vai Joaquim direito á fera, que a seu turno, prepara-se para o combate, acocorando-se, arreganhando as fauces, deixando transluzir sob a grossa carnaça da testa, que enrugava, o fogo brilhante e sinistro do olhar.

— Então amigo velho, que é lá isso? Ha que tempo que não nos vemos. . . Então o que é que ha? . . . Você quer se pará de macho rengo, diz Joaquim zombeteaneo, avançando em passos de negaça, prompto á partir a fundo.

Reina afflictivo silencio. Pae Manoel treme como junco agitado pela corrente. O tenente Nico, grave e calmo, de pistolão engatilhado tem a vista cravada na temível fera, e José de emboçava em pontaria espera o momento decisivo.

O tigre urra e firmando se nas patas trazeiras, graças a elasticidade de seu corpo, retrahê-se ainda! Joaquim quadra-se bem, coberto pela adaga! Instintivamente o tenente Nico leva o pistolão á cara, José encobre a mira, enquanto pae Manoel fecha os olhos e tapa os ouvidos.

Joaquim levando a mão esquerda a um terço d'adaga, prega um grito á fera.

A um tempo, tão rapido como o relampago o tigre salta sobre Joaquim, que baixando-se rasga-lhe desde a ponta do osso do

peito até a picanha ; em um só écho ouve-se a detonação de dous tiros, e o tigre revira em uma cambalhota sobre a reboleira de xaxins, inerte, morto !

A adaga de Joaquim rasgara-lhe as entranhas, e as ballas, uma partindo a trachea embebeu-se-lhe no sangradouro, enquantto a outra bandeou-lhe o coração.

— Ah ! patrão ! já stava fria, quando mecê atirou.

— Salta d'ahi, aperrcado velho ! . . . Se eu não soubesse que este dianho era bugre, e sobrinho do Doble, jurava que era castelhano, só por causa da fanfarrice.

— Isto é o que eu não sei explicar ; como o seu Joaquim é tão ligeiro e tão valente p'ra o tigre, acudio José, pára a se espiar, quando qualquer mulinha magra toma tabaco.

— Cada um p'ra o que nasceu.

— Vamos, Joaquim, pélla isso ligeiro que o sol está que é uma fogueira. Manoel, toca p'ra diante.

— Fóra mula ! . . . Olha o desvio . . . xá xá xá.

— Siá Jaquim, suncê tira matambre de tигра, pra sua negra véio.

— Hei de tirá, mas ha de sê o fio do lombo, pra te esfregá a craca, ladrão.

— Ah . . . ah . . . murasinha, óia o rodeio, vamo zimbora. Monologueia pae Manoel, de novo erguido ao lombo da *Monjolo*.

Após summo labor, conseguem os viajores reunir a tropa e levat-a arrollhada até o sitio em que está Joaquim coureando o tigre, e onde as bestas passão priscando e resabiadas.

Uma hora depois, á sombra de uma magestosa figueira, que dá seu nome a um dos rodeios, on pousos, que de distancia em distancia se encontrão na serra, o tenente Nico, apeando-se, manda parar e descarregar a tropa.

— Vamos parar aqui, afim de que estes gambás tomem um fartão de carahá e cresciuma, que estão desbarrigados as devéras.

— De verdade, meu amo ! nem parece que vauncê é serrano ! Ora pousá aqui embaixo do morro, ainda com tamanho dia.

— Bem que eu te entendo, meu fuá. Querias que pousassemos na entrada, não ?

— Não era por mim, lhe juro . . . era mesmo pramóde meu amo.

— Por mim ? Ora é celebre a tua lembrança.

— Por meu amo, não é que eu devia dizer, mas por Nharinha, que me prometteu uma cousa bonita, se chegasse amanhã com meu amo, são e salvo !

— C'os diabos ! José, cala essa bôca, ou eu tóco já tudo a trote chasqueiro morro acima.

— E' que tambem e' uma madrugadinha, amanhã, ou puchando bem, se chega em casa com sol alto.

— Por Deus e ella, que sim! Ao apontar a estrella d'alva, havemos subir o morro grande, e não se sesteia, nem se pára, senão no terreiro de casa.

— Ah mia pac do céu! Pobre de pac Manoé!... oito legua de beigo... ah! minha Deos, o riabo do negro veia, fica sem tripa... exclamava o misero escravo, temendo não tanto a distancia á vencer no dia seguinte, como o horroroso trote da sua mala-cara, que não sem razão recebem o nome de um d'esses grosseiros pilões, movidos por agna, a que os serranos chamam amonjolos.

Continúa.

J. BERNARDINO DOS SANTOS.

# DUAS PALAVRAS SOBRE LITTERATURA

AO MEU AMIGO OCTAVIO.

Pour le dialecticien le monde est une idée ;  
pour le bel esprit, une image ; pour l'enthousiaste,  
un rêve ; pour le savant seul il est une  
vérité.

ORGES.

Quando por toda a parte vemos manifestar-se uma systematica indifferença ou criminoso desprezo pelo culto do bello, que o interesse pessoal absorve todos os cuidados, fazendo fanarem-se as flores que tentão entreabrir-se aos osculos do sol da poesia, alguns talentos animados pelos bafejos da crença, almas que ainda inebrião-se pelos effluvios celestes da inspiração, preludiando cantos ungidos pelo sentimento, vão no meio das nuvens pardacentas d'esse indifferentismo, fazer rebentar scintellas de luz.

E como não ser assim, se a epocha mais brilhante das conquistas da intelligencia será marcada na historia dos povos com os factos estupendos do seculo 19.º? Se o progresso das idéas avança tão rapido, preparando um futuro de rosas para a nova phase litteraria, que raiará aos apostolos da grandeza presente?

Cada epocha se distingue pelo caracter de sua litteratura, porque ella é a expressão dos sentimentos intimos que dominão os povos como tambem a revelação de sua indole e de seu destino.

No tempo em que o poder da força era o apanagio da gloria, vemos os heróes de Homero representarem a preponderancia do mais forte.

Quando as crenças religiosas vacillavão nos corações, e a fé

perdia o calor do principio de sua instituição, quando o crime não encontrava por barreira mais do que a fragil justiça da terra, Dante no delirio de sua imaginação phantastica pintava os medonhos supplicios do inferno para os facinorosos salvos da vindicta humana.

E quando a crença da cruz abalava a Europa á ir lançar-se nas praias inhospitas do Oriente, que todo o mundo christão se agitava pela fé, o bardo de Ferrara tangia o alaúde da alma, e fazia apparecer esse monumento de poesia épica chamado Jerusalem.

N'essas creações sublimes, collossos que attestão a grandeza da intelligencia, ao passo que crão cantadas as scenas de maravilha e terror, brilhãvao nas trevas pavorosas clarões resplandecentes.

A imaginação febril de Aligieri transportava-se aos abysmos do desespero e da dôr; depois voando ao olympo repousava na beileza pallida de Francesca de Rimini personificada em deusa da esperanza, ou sonhava Beatrice, o symbolo da religião.

No reino de Plutão elle invocava Virgilio, e seus successores seguirão-lhe os passos; a musa da idade media tinha por fanal a crença, e a Divina comedia e a Jerusalem forão por muito tempo o espelho em que se miravão os trovadores que depois d'elles votarão-se ao culto das musas.

Os tempos se succedem, as idéas mudão se, as paixões vão-se amoldando aos usos e circumstancias.

Alonzo de Solis inspira-se nas maravilhas do novo mundo; n'essa natureza immensa e luxuosa elle acha o ideal de seus sonhos de poeta, entre as florestas virgens da terra de Colombo encontra um concerto divino; e nas praias desconhecidas do mar Pacifico descobre uma perola que a vaga lançou no areal.

Sordello e Berthran de Born já não são os festejados cantores populares, a poesia eleva-se e toma uma nova fórma.

Shakespeare crea um nova escola na sua patria; a tragedia occupa o seu lugar de honra, exprimindo os sentimentos d'aquella epocha.

No vigor de suas pinturas, no extraordinario e phantastico, o grande tragico faz a independencia da litteratura patria.

E emquanto que aqui a cavallaria andante suspende em suas lanças o pendão dos namorados, que os menestreis cantão nos alcaçares as gentilezas dos paladinos, Miguel Cervantes sóta a gargalhada sarcastica que é o principio da decadencia d'essa instituição

Duas glorias despontão nos horisontes das lettras, dois genios sublimes ao mesmo tempo tração seus nomes nas paginas da historia. Talentos fadados para as mais nobres lutas seguem como

dois astros as suas orbitas differentes, sem que um conhecesse o brilho do outro.

Sim! Shakespeare faz soluçar os amantes aos beijos apaixonados, dá ao amor as rosas pallidas da morte.

Seus heróes acabão em rios de sangue, emquanto que o soldado de Lepanto ri das proezas dos cavalleiros.

Aquelle apresenta nos os typos sympathicos de Julieta e Romeu, mostra-nos Ophelia coroadade flores afogar-se nas agoas do lago murmurando a canção do cysne; este crea o typo grotesco de Sancho.

Vês que a litteratura tem de alguma fôrma influido nos costumes, assignalado o predominio de certas tendencias no animo do povo.

Primeiro o poder da força e um desprezo geral para tudo que d'ella não dimanava. Homero velho e cego sentia-se pobre e faminto. Mais tarde vemos a preponderancia das idéas religiosas, e o Dante entre Guelfos e gibelinos arvorar o estandarte da fé. Depois a predisposição para as lutas violentas, e o maravilhoso, dando como consequencia a creação do theatro inglez.

Os costumes marciaes da idade media estabececerão o predominio da espada, e a musa escudou-se n'ella pedindo-lhe amparo.

A' sombra dos tectos dos gentis-homens acolhião-se os bardos que erão considerados como servos do senhor feudal.

A cavallaria declinava, e a musa cantou os hymnos de sua liberdade. Na Hespanha ella sôlta dos laços que a prendião ao passado, ri com Quevedo, Lope de Vega e Calderon de la Barca. Na França Corneille e Molière dispertão o gosto pela litteratura ligeira, e a côrte um tanto dissoluta de Luiz XIV applaude com enthusiasmo as comedias livres do grande satyrico.

André Chenier como o canôro sabiã de nossas matas modula hymnos repassados de sentimento, e qual cysne moribundo expira cantando.

Byron, queima a fronte nos vapores da delicia, inebria-se nos perfumes d'Andaluzia, goza das bellezas do Adriatico, e morre beijado pelo sol dos hellenos.

Em antithese ao cantor da Lusitania que do exilio vem em procura da patria e nella morre desprezado, e desconhecido, o bardo de Harold foge dos seus lares; repousa a cabeça loura no regaço da italiana e acaba combatendo em prol da liberdade dos gregos.

A' Camões, nem uma cruz, nem um cyrio funeral, nem uma pedra tosca com a inscripção do seu nome: á Byron sobre o ataúde uma corôa de louros e uma espada offerecida pela terra das tradicções e da philosophia.

Bem conheces, meu amigo, como é vária a sorte do genio; aqui, as palmas da multidão, os ouropeis á fulgirem sobre a fron-

te; ali o pranto, a indigencia, e o escarneo. Aqui os risos do amor á desabrocharem as rosas da esperança, além as lagrimas de fogo a queimarem o coração. . . .

Paremos um pouco, caminheiro ousado do progresso: estamos na quadra feliz, em que a alma se expande aos sonhos e ás illuções, e n'esta terra, em que a poesia resurgo dos póros da natureza

Vês? além o pampa immenso que se desenrola em horisontes azulados, essas florestas que sussurrão sacudidas pelo vento, e os rios caudaes que em catadupas de espuma rolão bramindo pelo alcantil, e os oceanos que marulhão balançando as suas redes de vagas; e além no ether infinito, entre ondas de azul e ouro o sol, alampada fulgente, suspensa no tecto do céo. E os clarões avermelhados do occidente, e as orlas de purpura do leito d'aurora, no céo o vento que gallopa bramindo, e na terra os gemidos das selvas. De um lado, o suspirar queixoso das auras, de outro o soluço da araponga nas franças do pinheiral.

Tudo isto é um mundo de poesia e amor porque a natureza borbulha a vida, e o pensamento no meio d'ella despede a lava.

Canta, porque tens nos labios uma harmonia ignota; canta — porque tua alma illuminada com a luz da poesia, é grande como a immensidade!

Lembra o passado como o vate escossez; sonha, como o taciturno allemão sobre as paginas de Werther — o livro do coração; Delira, como Hoffman no *Tunoeiro de Nuremberg*, e canta os heróes de nossa patria com Schiller — o immortal, immortalizando o heróe suizo.

Espaço estreito e ingrato para a elevação do teu genio, procuraste no ambito das paixões politicas alçar o teu vôo arrojado. Erguestes dos tumulos os phantasmas angustos dos martyres da liberdade, aureolaste-lhes as frentes com a grinalda de teus cantos, tiveste de abandonar teus lares, mas o anjo da gloria seguiu te na romagem. E . . . quem pôde tolher o passo ao rio que se despenha da serra? quem suster a subida da aguia quando voeja nos ares? Deos! Assim, genio, tens por mundo a immensidade e por termo o infinito. Poeta, — tens a natureza que resplende e o passado rico de recordações. Homem, — tens a liberdade do pensamento, liberdade que emana da vontade immutavel de Deos e da soberania do espirito.

Lembra-te, meu amigo, que o genio não colhe louros, se elles não são orvalhados pelo pranto do martyrio, pois o ideal está muitas vezes no soffrer, e o bello tem o seu cortejo de dores.

Ossian, velbo e cansado encostando-se ao bordão de peregrino, esmolava o pão na terra natalicia; e só, sem uma mão que o amparasse, vagava o misero poeta pelos montes e desfiladeiros de

sua terra. Gonzaga nas paredes lúgubres do carcere escrevia os sentimentos apaixonados de sua alma.

E se vamos mais longe veremos surgirem os vultos venerandos de Homero privado de luz, Tasso na prisão de Ferrara.

Cervantes morrendo a mingua de pão, tirar recurso da maldade dos homens calumniando a sua obra immortal, e indo espiar o crime de ter genio nas lageas frias da prisão de Toledo.

Só muito tarde a posteridade rende preito ao talento quando elle está idealisado com as exalações do tumulo, como bem o disse um vulto da litteratura moderna.

Se em tempos que já la vão a litteratura tem acompanhado o movimnto social e promovido com sua benefica influencia o desenvolvimento do progresso, ainda hoje ella se mostra como expressão dos costumes, e causa de certas tendencias.

O apparecimento de uma escola litteraria presupõe uma inclinação geral para as idéas que ella exprime.

Assim no tempo em que os espiritos ávidos de verdade procurão a poesia na realidade, appareceu a escola realista para revelar o impulso de todos os genios.

A escola romantica endiosada na maviosa composição de Bernardin de Saint Pierre, não representa a linguagem do homem na idade em que rebentão as tempestades das paixões, quando a seiva da juventude borbulha-nos nas veias; ali, ha os delirios da imaginação, a alma arroja-se a um mundo de phantasias ideacs, e o coração palpita na vehemencia de sua virilidade.

Ali, placido regato que se deslisa mansamente pela areia branca da praia:

A' vaga, se succede a ondina que passa suavemente, desfaz-se como um suspiro.

Aqui oceano tumultuoso onde a vaga geme com furia e rebenta contra a penedia.

E qual o homem que na vida commum não tem sentido estremecer-lhe as fibras mais íntimas do peito por um pensamento, que, quando seja do mais puro ideal, não deixa tambem de doirar-se aos ardores do sol da mocidade? Quem ha ali que passasse a quadra dos sonhos sem ter na mente o mundo que o arrasta em turbilhões para um objecto real, positivo buscando não uma miragem fugitiva formada pelo ideal, mas um Ser que existe, uma fôrma que vive e que ama?

Na escola romantica, a aureola de luz muito viva, encobre a verdade, como a athmosphera radiante que encobre o corpo opaco do sol.

Outro tanto não acontece na escola realista. Quando o mundo marcha mais e mais na senda da perfectibilidade, que a sciencia moderna quebraudo o céu marchetado de estrellas em que se fun-

dava a philosophia dos Chaldeos, vê surgirem os mundos dos seios do infinito, quando o compasso do geometra traça na imimensidade a marcha dos mundos, quando o geologo risca o nome do edem e o da criação das paginas da historia da humanidade.

Quando o mundo pede luz e a luz resplandece, para que occultar dos espiritos aquillo que todos buscão? E a razão humana plena de grandeza e de futuro prosegue avante na estrada do positivismo; segue pela sciencia experimental todos os degrãos do saber, olha para o Universo, contempla a multidão de globos que fluctuão nas alturas, vê a vida borbulhar desde os polos gelados da terra até o foco incandecente do sol, desde o infinitamente pequeno que se revolve no ether, no mar, na terra, até essa multidão de espheras que errão n'esses espaços onde a idéa não chega!

Esses mundos collossaes que presos por uma força irresistivel, são arrastados nas profundezas do espaço! do espaço que foge, que vòa ao pensamento e a vista!

Lares gigantescos da vida e da luz, ò, vós existis como grãos de areia, na immensidade d'esses horisontes sem fim. Fulgentes luzeiros, farões de um nauta desconhecido vagais n'essas regiões incommensuraveis.

E a terra atomo lançado comvosco no pelago infinito attrahido como vós pela mesma mão segue sempre menos favorecida de luz, como tenue ponto perdido nas solidões deshabitadas.

E o homem contempla maravilhado estas scenas augustas que se desenrolão aos olhares penetrantes do seu pensamento: combina as relações das forças que tumultuão na natureza, estabelece os principios immutaveis sobre que se baseia a lei universal, segue a sciencia em todas as suas manifestações, em todas as revelações que nos apresenta, e d'esta continua observação, d'este lutar incessante do corpo e da alma, brota para realização de seus trabalhos, complemento de suas fadigas a coroa mystica do genio, um pensamento immenso, como infinito, profundo como os abysmos da consciencia, firme como a mais intima convicção e magestoso como a força universal; este pensamento, este complemento, este fim os homens chamarão Deos.

E' pois no seio da natureza que reside o bello, porque o bello absoluto só encontramos em Deos. E' voltando os olhos para os lares da vida universal, que vemos, que percebemos o que somos, e onde reside toda a belleza, toda a poesia.

E' no magestoso santuario da sciencia experimental, é folheando o livro augusto da natureza, que nosso pensamento se remonta aos paradios refulgentes da gloria e onde turbilhona a vida, a intelligencia traça uma epopeia de luz.

Continua.

AUGUSTO LUIZ.

# ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

## SOBRE O ESTUDO DA LINGUA INGLEZA

---

### 1.ª ORIGEM DA LINGOA

Ao encetar este pequeno trabalho devo em primeiro lugar implorar a indulgencia dos que me lerem, para as faltas e lacunas em que possa incorrer devido á escassez de meus conhecimentos philologicos, assim como de material para um estudo aprofundado do assumpto : na falta de outros soccorri-me para a sua confeção dos dados historicos que me parecerão poder corroborar o meu thema, assim como dos poucos estudos que tenho feito sobre o genio da lingua ingleza.

A historia da lingua e litteratura de um paiz, identifica-se com a historia de sua propria existencia e applicando ainda com mais razão este axioma ao caso vertente, direi que a historia da lingua e litteratura ingleza é a historia da Inglaterra.

Nenhuma das nações modernas da Europa passou por tantas vicissitudes para solidificar a sua existencia de estado, como a Inglaterra e do meio d'ellas é que, aceitando e adoptando das diversas invasões as luzes, os costumes, as leis e tambem o dominio, veio a formar-se a lingua que hoje falla a metade do universo, e que admiramos pelo energico e terso de sua dicção, simplicidade de suas fórmãs e conveniencia pratica de suas locuções breves e bem adequadas.

Pertencendo ao grande grupo Iudo-Germanico é a lingua ingleza de todas as modernas a que incorporou mais vocabulos de linguas europeas ; prescindindo do grego e hebraico de que se servio para a sua nomenclatura scientifica e mystica, tem ella al-

gumas vozes celticas, muitissimas latinas, talvez quasi meio vocabulario de vozes francezas e o resto, o que fórma a verdadeira base da lingua vozes teutonicas, afóra alguns termos italianos e mesmo hespanhóes.

Parece singular que sendo os primeiros incolas da Inglaterra de raça-celtica, não tenha essa lingua sido o fundamento do inglez: explica-nos a historia esta anomalia:

Remontemo-nos para esse fim ás eras primitivas da historia. Veremos que occupavão as duas ilhas que hoje formão a Grã-Bretanha, tribus esparsas de raça celtica que sem duvida devido ás perturbações do continente europeu e á emigração para o oeste de raças asiaticas se forão refugiar n'aquellas paragens. Guarda, porem, silencio a historia se ali já encontrarão habitantes, mas não é provavel que assim fosse, pois que as expedições phenicias que desembarcarão nas costas de Albion nos dão relações sobre os seus incolas em tudo identicas ás que mais tarde nos fornecerão os Romanos de Julio Cesar.

Seria enfadonho entrar aqui em detalhes historicos sobre a cruenta guerra que aquelle conquistador romano moveu aos infelizes bretões, muitas legiões romanas morderão o pó sob o commando dos mais valorosos chefes, como Suetonio Paulino e Agricola antes que se estabelecesse sobre bases, ainda que frouxas, o dominio das aguias romanas, o que só se realizou no reinado de Vespasiano, depois dos sacrificios heroicos de uma Boadicea, Caractacus e outros valentes que preferião a morte á dominação dos Cesares.

Fallaz era comtudo esse dominio, os Romanos destruião, mas não conquistavão: as populações da Inglaterra propriamente dita resistião como vemos, mas depois de vencidas, deixavão os penates á cobiça das legiões e emigravão para as montanhas de Gales, de Cornualia, para a ilha de Man e para a Irlanda, onde ainda conservão esses Celtas foragidos até os dias hodiernos o seu dialecto e o typo especial de sua raça. O mesmo aconteceu com a Escossia que nunca foi pisada impunemente pelos Romanos e cujas hostes não os deixarão um momento tranquillos na posse da Inglaterra.

Assim explica-se pela emigração dos celtas o facto de não deixarem na lingua ingleza vestigiões de seu dominio no oriente da Inglaterra e mais tarde, tornando-se esta região depois de ser o theatro das lutas entre Celtas e Romanos, tambem o campo onde se debaterão aquelles e os Anglo Saxões, assim como estes com dinamarquezes e normandos, comprehende-se facilmente a inaculação na lingua do paiz de elementos tão varios e heterogeneos.

Cansados das lutas encarniçadas que lhes custarão milhares de soldados, abandonarão os Romanos no reinado do imperador Ho-

torio a conquista da Bretanha, mesmo porque os elementos que já estavam causando a decadencia do imporio e que o havião de anniquillar completamente, exigião na metropoli a presença das experimentadas legiões.

Não ficou porem como a celtica, esquecida na Inglaterra a lingua latina, pelo contrario, ainda hoje os nomes das cidades, rios e condados fazem recordar a dominação romana, não tendo ficado lembrança das denominações bretãs e todos os documentos publicos d'aquelle tempo até o completo desenvolvimento da lingua nacional erão rigididos em latim. entrando n'este numero a celebre Magna Charta concedida aos barões por João Sem Terra.

Ficou pois independente depois de tantas lutas a terra celtica do dominio dos Romanos que deixarão no paiz as luzes o as lettras latinas. Com a independencia porem, não ganhou o paiz em tranquillidade; as guerras com os Romanos que tanto devastarão o paiz tambem affrouxarão os laços que por intermedio dos druidas união o povo aos governos; depressa veio a guerra intestina e as continuadas incursões dos Pictas e Scotos da Caledonia (nunca vencidos pelos Cezares que os appellidavão de Britannia barbara) tornarão necessario o auxilio estranho. Foi Vortigern que para defender-se d'elles chamou em seu auxilio os anglo-saxões do Hengist e Horsa e estes chefes em recompensa do auxilio prestado appressarão-se á occupar pouco a pouco o paiz fazendo constantemente vir reforços do Continente.

Duroa por muito tempo o dominio teutonico sobre a Inglaterra, tanto tempo que poderão os pacificos conquistadores implantar no povo todas as peculiaridades de sua raça: o amor ao trabalho, a religião da familia, a legislação patria, a lingua e os costumes.

A invasão dos normandos que veio depois, já encontrou o caracter inglez formado pelo molde teutonico e apesar de todas as leis repressivas, que tão bem descreveu Harrison no seu trabalho sobre os dialectos da Inglaterra, pouco conseguirão os normandos de Guilherme o Conquistador além da completa sujeição do paiz.

A conquista veio fundar uma nova aristocracia no paiz á par dos thanes saxões, veio incorporar na lingua o importante elemento francez que n'ella achamos, alterou o processo civil e criminal sem mudar em nada a base da legislação primitiva, implantando porem n'ella a nomenclatura franceza; mas não conseguiu adulterar a indole do povo inglez que ainda hoje é saxão com todas as suas virtudes e com todos os seus vicios.

Continúa.

DEVANEANDO

Na beira da praia  
A vaga se espraia,  
Soluça, desmaia,  
Marulha na areia.  
No dorso da vaga  
A lua divaga,  
Cambia, se apaga,  
E a rocha prateia.

Na praia e na areia  
A onda se alteia  
Inclina-se, enleia  
A luz prateada ;  
E a pallida lua  
Divaga, fluctua,  
Qual branca falua  
Subtil encantada.

Eu chamo-a : Louquinha !  
Vem cá ! vem ser minha !  
Que amiga que eu tinha ! . . .  
Silencio ! desmaia !  
No dorso da vaga  
A lua se apaga  
Minha alma divaga  
Na beira da praia !

De novo mais nua  
Reflete-se a lua  
De novo fluctua  
Na vaga do mar.  
De novo na areia  
Gritei-lhe : sereia !  
Debalde chamei-a !  
Profundo pezar !

Meu Deos ! lá desmaia !  
Não caia ! não caia,  
Tão longe da praia  
Que em lume se alaga,  
E as gases olentes  
Dos véos transparentes  
Se estendem mais rentes  
No dorso da vaga.

A lua se apaga  
Nas orlas da vaga :  
Não mais se divaga  
A branca sereia.  
Na beira da praia  
A onda se espraia,  
Minha alma desmaia  
Meu ser devaneia.

AMALIA FIGUEIRÔA.

Agosto de 1873.

## O PARTHENON LITTERARIO

AÓ EXM. SR. DR. LUIZ DA SILVA FLORES

Não cança o lutador ! Os annos passão,  
E de pé na estacada do progresso  
Alteia o Parthenon bandeira ingente  
Sorrindo ás multidões !  
Sem ter apoio dos erarios nobres,  
Sem dar prestigios á soberba estulta,  
Sem ir nas praças mendigar alentos,  
Sem curvar-se a mandões !

E vive e passa derramando em ondas  
Toda a riqueza de su'alma heroica,  
E apontando o caminho do futuro  
Aos filhos do Brazil !  
Elle, o vidente das idéas nobres,  
Quer ver a patria, pelas lettras cultas,  
Entre os mais povos levantar ousada  
A frente senhoril !

Aqui, sobre esta plaga americana  
Queimada pelo fogo das batalhas,  
Que conta mil combates por victorias  
Esplendidas de luz,  
Aqui, depondo o gladio das pelejas,  
Eleva o Parthenon bem alto a patria  
Instruindo seus filhos nas sciencias  
Que lhes derrama a flux !

No silencio da noite, abrindo as portas  
De seu templo sagrado aos mendicantes  
Das luzes do saber, elle sorrindo  
Dissipa a escuridão !  
Apostolo das turbas desvalidas,  
Que arrastão-se na treva da ignorancia,  
Sem vãs ostentações, estende a todos  
A protectora mão !

E' elle, o lutador, que aqui se ostenta  
Na pleyade brilhante de mancebos,

Que, de pé na estacada do progresso,  
Encara as multidões,  
Sem ter apoio dos erarios nobres,  
Sem dar prestígio á soberba estulta,  
Sem ir nas praças mendigar alentos,  
Sem curvar-se a mandões !

Porém a vós, senhor, que nos quizestes  
Dar alento na senda afadigosa,  
Qu'intentastes privar-nos dos espinhos  
Que pungem-nos em vão,  
A vós — hoje tecemos as grinaldas,  
Grinaldas do talento, que não murchão !  
Aceitai-as, senhor, as pobres flores  
Da nossa gratidão !

DAMASCENO VIEIRA.

Setembro de 1874.

---

## O MEU PENSAMENTO

Não vês que meu peito se agita inquieto?  
Não sabes, morena, que soffro um tormento?  
Não pensas, meu anjo? duvidas que sejas,  
A causa constante do meu pensamento?

Duvidas, morena? Tu julgas que eu possa  
Mentir-te, occultar-te o amor que acalento?  
Escuta... E's tu sempre esse anjo querido,  
Que guardo zeloso no meu pensamento.

De noite, dormindo, se acordo assustado,  
E a idéia d'um sonho me tira o alento;  
Eu soffro deveras n'essa hora a tristeza,  
Que traz quasi sempre o meu pensamento.

Se oíço um ruído que vem despertar-me,  
Só acho silencio... sómente do vento  
Eu sinto que treme a vidraça d'alcova,  
E volto enganado por meu pensamento.

Então, quasi louco, perdido de susto,  
Calando em minh'alma um tal soffrimento,  
Dirijo meus passos, procuro um asylo,  
Onde vá desterrar-se o meu pensamento.

Depois... não calculas... eu tenho receios,  
Que ideias sinistras que vem-me ao momento !  
Só nutro a esperança na imagem creada  
Com tanta pureza no meu pensamento.

Socego... medito... e tão cheio de crenças,  
Dirijo meus passos ao meu aposento ;  
Inclino os joelhos... e sobre meu leito,  
Adoro essa imagem no meu pensamento.

Agora, morena, que vês meu martyrio  
Agora que ouves a voz do lamento,  
Não sejas esquiua... procura imitar-me,  
Na luta terrível do meu pensamento.

V. A.

Porto Alegre, Junho de 1874.

## CHRONICA

No dia 28 realizou-se o 13.º sarão do *Parthenon*, offerecido a S. Ex. o Sr. Dr. Luiz da Silva Flores.

Numeroso e escolhido auditorio assistio essa festa tributada a um dos mais distinctos filhos d'esta provincia.

Cabendo a palavra ao nosso talentoso orador José Bernardino dos Santos, S. S. n'um brilhante discurso historiou o passado da associação que representava, e terminou agradecendo o interesse, que o illustre deputado rio-grandense tomára, no parlamento nacional pela prosperidade do *Parthenon*.

N'um bello e modesto discurso agradeceu S. Ex. o Sr. Dr. Flores, a demonstração de que era alvo, n'aquelle momento, por parte de uma associação que tem conquistado os applausos do paiz pelo seu nobre esforço em prol das lettras e da humanidade.

Recitarão bonitas producções as Exmas. Sras. DD. Florisbella Leite de Castro, Francisca de Menezes Lara e os socios Damasceno Vieira, Motta, Vasco de Azevedo e Augusto Totta.

Incumbirão-se da parte musical as Exmas. Sras. DD. Maria Luiza Teixeira, Ricarda de Medeiros, Clementina de Medeiros, Emilia Totta e os socios José Stott e Alcibiades Rangel.

Abrilhantarão a secção lyrica as Exmas. Sras. DD. Maria Pereira Vianna, Maria de Mesquita Neves, Maria Luiza Gomes e o socio Honorio da Fontoura.

\*  
\* \*

Sahio das officinas do *Jornal do Commercio*, o drama *Victor* do nosso inditoso poeta Felix da Cunha.

Não o recommendamos, a sua maior recommendação está na assignatura do autor.

\*  
\* \*

O theatro tem deixado de ser concorrido ultimamente.

Entre os dramas que temos assistido destacamos a *Coroa de martyrios*, do nosso festejado poeta Menezes Paredes.

A platéa e a imprensa fizeram justiça ao merito d'este trabalho.

A nosso turno, nós tambem o saudamos.